

Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso

ANO XVII - Tomos XXXIII e XXXIV

Elogio fúnebre de João Cunha, João Carlos Pereira Leite
e Joaquim Pereira Ferreira Mendes

CUIABÁ
Escolas Profissionais Salesianas
1935



José Barnabé de Mesquita

(*10/03/1892 †22/06/1961)

Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita

<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

Meus Senhores:

A Morte, como a Vida, tem, a par de suas leis e de seu rythmo, verdadeiros caprichos, que não comprehendemos mas sômos forçados a reconhecer. De um delles sômos hoje victimas, não ha negar. Na sua safra annual de vidas, quis ella ficasse o anno passado tristemente assignalado para o nosso Instituto pela perda dolorosissima de três confrades, qual a qual mais querido: João Cunha, João Carlos Pereira Leite e Joaquim Pereira Ferreira Mendes, fallecidos a 13 de Junho, 8 e 25 de setembro, respectivamente.

Fácil é de imaginar a situação embaraçosa que defronta o vosso orador, ao ter de fazer o elogio fúnebre desses três insignes varões, cada um dos quaes isoladamente daria margem a um vasto estudo e requereria larga messe de elementos para reconstituição biographica.

Ahi está porque, forçado a natural delimitação da matéria, este necrologia em que vereis, por vezes, o coração tomar-me da mão a penna, sahirá um esboço somente, um leve bosquejo do que, a rigor, deveria sêr.

Fica assim justificado o que de impreciso e falho houver nestes perfis: a outrem o fazer, com os materiaes.

aqui dispostos, o verdadeiro estudo que merecem os prestantes mato-grossenses, dignos membros desta casa, que lhes deplora ainda hoje, com a dor do primeiro dia o infausto desaparecimento.

João Cunha

Comquanto fosse o mais moço - nascido a 16 de Junho de 1871, na cavalheiresca Poconé — foi João Cunha o primeiro a attender á lúgubre chamada, a que ninguém jamais deixou de dar o seu presente.

Dos três foi, sem duvida, o que teve mais immediato e diuturno contado com a nossa geração, e isso, talvez, por lhe sobraem qualidades de adaptação mental que o fizeram, como, de uma feita, accentuei, o traço de união entre duas gerações.

— Maneira delicada de chamar a gente de velho, disse-me elle, nessa occasião, com aquelle seu meio sorriso reticente, a que um tique facial imprimia singular expressão de mordacidade eceana.

— Maneira de mostrar que se pode envelhecer ficando sempre moço, retorqui-lhe, com sinceridade.

João Cunha, de facto, não se lhe avelhantou o espírito.

Isso porquê também nunca foi desses que têm uma irradiante, bulhenta, espalhafatosa mocidade.

O segredo mágico do seu espírito foi sempre o meio termo em todas as cousas, essa discreta linha do *juste milieu* que nunca o deixou exceder-se, nem se tornar um “derramado”, na feliz expressão de Machado de Assis.

É nesse velador de idéas e sentimentos, nessa espécie de pudor psychico que nós vamos encontrar o

traço específico do seu temperamento, a sua qualidade prima.

João Cunha nunca se dava em expansões ruidosas mesmo com os mais íntimos e seria também incapaz de entrar semcerimoniosamente pela alma alheia, como tantos que em se lhes abrindo uma nesga de janella, com pouco os vereis a penetrar pelas camarinhas mais recônditas.

Pertencia á família espiritual de Montaigne, France e Gourmont, que, no Brasil, deu fructos sazonados como a auctor de Braz Cubas, Mario de Alencar, Constancio Alves e esse grande Amadeu Amaral, com quem sempre lhe achei traços de viva afinidade.

Espírito finamente gaulez, poderia aqui citar, não fora a gravidade do momento, mais de um passo da sua vida em que fez refulgir a subtil veia do seu amargo humorismo.

Não raros, por outra parte, os traços da sua superioridade moral que o fez, para usar a expressão de um grande Santo, paciente no infortúnio como reportado na prosperidade.

Foi isso que lhe permittiu, sem o poderoso esteio da crença, sêr um espírito de rija formação, podendo se dizer que era um religioso a que faltava a fé.

Pertencendo a uma geração que se extremou em apaixonadas campanhas contra o credo dos nossos maiores, não se lhe aponta, embora acompanhasse os seus contemporâneos, nenhum desses actos de ostensiva manifestação de fanatismo antireligioso, tão censuráveis como o extremo que visam combater e que Maupassant, com tanta propriedade, ridiculiza, naquelle admirável conto “Mon Oncle Sosthene”. Perlustrando varias sectores de acttvidade, o commercio, a imprensa, a carreira administrativa e politica, para todos elles levou o mesmo senso da medida, que lhe imprimiu á alma um feitio irreprochavel e sereno em todas as situações.

Póde-se dizer que hauriu nos grandes Mestres clássicos, Horacio, Seneca e Luciano, esse dom da symetria e da eurythmia, que Aloysio de Castro synthetizou a primor nestes versos ao Venusiano:

Não porei na opulência a vista cubiçosa,
Nem para a mesa ornar quero a tardia rosa,
Prefiro a frágil murta aos louros immortaes.

Comtigo louvarei a cauta mediania.
E de ti tomarei por lição, dia a dia,
Um coração igual nas cousas desiguaes.

Assim foi nos seus trabalhos de jornalismo, como um dos mais autorizados orientadores da opinião, em artigos que eram modelo de polidez e attícismo e, ao mesmo tempo, terríveis na argumentação, que desmontava as baterias adversas.

Pedro Celestino que sabia, como poucos, escolher o seu estado maior, o teve, na politica, como um dos seus mais efficientes auxiliares, nas phases de lucta intensa, como redactor do “Matto-Grosso”, da “Colligação” e do “Correio do Estado”.

E em momentos críticos, para abordar themes relevantes e dedicados, por mais de uma vez lhe ouvi a recommendação feita aos amigos que o cercavam: — “Mande chamar o João Cunha. Entregue o caso ao Cunha”.

Confiança justificada, que elle não desmentia. A sua vida publica foi, sem alardes ou matinadas, uma lenta ascenção, determinada pelo próprio merecimento.

Culminou nas posições de Secretario, nos governos Mario Corrêa e Annibal de Toledo, e substituto eventual deste ultimo presidente, que a Revolução de 1930

veio afastar do poder, no começo de esperançosa administração. Deputado estadual, em diversas legislaturas, a sua actuação é daquellas que mais se sentem do que se veem. É conhecida a sua ogeriza pela oratória, que o fazia um verdadeiro collegial em apuros, de cada vez que, como secretario da Mesa, tinha de arrostar os precalços tribunicios.

Em compensação, para os trabalhos de Commissão, ninguém como elle se desdobrava afim de attender a todos os que lhe solicitavam o concurso do seu tirocínio e competência. Sabe Deus as objecções e tropeços que tive de vencer para conseguir que João Cunha fizesse, no Centro Matto-Grossense de Letras, o estudo do seu patrono, Frederico Prado, trabalho esmerado na forma e conceituoso no fundo, que todos nós apreciamos nas paginas da revista daquela sociedade, mas que, na noite em que proferiu, somente tiveram a fortuna de ouvil-o os assistentes que se achavam em roda da mesa e talvez os da primeira fila de cadeiras.

Na Imprensa é que, sobretudo, poude João Cunha dar largas á sua intelligencia privilegiada, servida por boa dose de cultura geral e sólido critério.

Não me permite a escassez de tempo trazer-vos, á guiza de exemplos, citas de seus trabalhos jornalísticos.

Em sua obra, de resto, desde o lyrismo delicado do “No álbum de Emma Aurora” até os graves editoriaes e manifestos políticos, ha sempre a mesma invariável linha de harmonia e serenidade, o mesmo diapasão de equilíbrio que elle soube manter na sua vida, até o crepúsculo de um injusto e doloroso ostracismo, contra o qual nunca se queixou, bem se podendo applicar-lhe, quando partiu dentre nós, aquelles emotivos versos do poeta da “Nevoa”:

E só deixes na terra uma reminiscência:
a de alguém que assistiu as lutas da existência
triste e só, sem fazer nenhum mal a ninguém.

Pereira Leite

Faz amanhã um anno que a nossa Capital vibrava na recepção festiva do Commandante da Circumscripção Militar, convertida em grandiosa homenagem official, emquanto, no silencio recolhido de uma alcova, aqui bem perto do nosso Sodalício, extinguiu-se docemente, como um entardecer de um bello dia, a vida de um varão de quem se poderia dizer, como nos Livros Santos — *pertransiit benefaciendo* — o desembargador João Carlos Pereira Leite.

A estrutura moral deste nosso pranteado confrade se ajusta admiravelmente nos moldes daquelles varões de velha tempera, que erigiam o culto da Honra, da Religião e da Família como as linhas mestras da sua vida.

Espírito rijamente plasmado na disciplina catholica, de que fez a sua armadura de aço para os mais rudes embates, soube, em todas as vicissitudes da sua vida agitada, manter intacta a sua fé e atravessar esse pantanal de paixões, que é a política partidária, sem manchar os arminhos do seu character nem marear a pureza do seu nome, gloriosamente herdado dos avitos e transmittido incólume á sua numerosa progênie. De nobre linhagem, arrolam-se-lhe entre os ascendentes Leonardo Soares de Souza, seu bisavô, um dos signatários do termo de fundação de Villa Maria, hoje cidade de S. Luis de Cáceres e o coronel de milícias João Pereira Leite, seu avô, senhor da Jacobina, da aristocracia rural da Capitania, nos começos do século passado.

Não nasceu, entretanto, em Cáceres, como geralmente se suppõe, por ser aquella cidade o berço da sua família paterna e onde foi baptizado, e sim, a 12 de julho de 1861, em Cuyabá, donde era natural sua mãe,

d. Anna Jacintha de Sampaio. Fez os seus estudos secundários e superiores em S. Paulo, onde se bacharelou em direito pela tradicional Faculdade, em 1889, aos 28 annos de idade.

O facto de haver se formado já maduro se explica pela circumstancia de, por muito tempo, oscilar a sua determinação entre os estudos e a vida rural, tendo chegado quasi a optar por esta ultima, afazendando-se nos magníficos campos do Jaurú, que lhe couberam em herança da sua avó paterna.

Formado, regressou para o seu Estado natal, occupando, como primeiro cargo publico, o de Procurador fiscal da Thesouraria de Fazenda.

Os acontecimentos políticos que agitaram Matto Grosso, logo após a proclamação da Republica, em virtude das luctas entre os partidos republicano e nacional, um de cujos chefes era o seu pae Cel. Luiz Benedicto Pereira Leite, sujeitaram o jovem bacharel, logo, ao iniciar a sua carreira, a duras provações, culminando na sua prisão, da qual só conseguiu sahir para effectuar o seu casamento, que antecedeu de dois dias a morte do seu sogro, o Barão de Diamantino.

Abraçando a carreira judiciária, como juiz de direito da comarca de S. Antonio do Rio Abaixo, as suas relações de amizade e compadrio com o Cel. João Paes de Barros o envolveram nos acontecimentos de 1899 a 1901, sendo forçado a se demitir do cargo para escapar á tragédia de 4 de novembro, mais conhecida por “bahia do Garcez”, nódoa aviltante da política daquela quadra de nossa Historia.

Desgostoso e desilludido, ante tantos revezes, decide abandonar a sua terra, e segue, com toda a família, já então composta de 5 filhos, para o Estado de Santa Catharina, onde encontrou a melhor acolhida da parte dos homens de maior prestigio na época — os drs. Lauro Muller e Vidal Ramos e o Cel. Antonio da Silva Pereira de Oliveira.

Residiu 5 annos em Florianópolis, desfructando sempre o maior prestigio e conceito, chegando a occupar cargos importantes, como os de juiz Substituto Federal e Secretario Geral do Estado, postos em que honrou o nome mattogrossense. Victoriosa a colligação política que, em 1906, se organizou para apeiar do poder o partido constitucional, voltou, no anno seguinte, o dr. Pereira Leite a Cuiabá, reconduzido á magistratura, como juiz de direito da comarca de Poconé e promovido, em 1908, a membro da Relação.

O seu innato pendor, quasi incoercível, pela política o levou, seis annos após, a pedir a sua aposentadoria, para candidatar-se á deputação federal, mandato que desempenhou, com rara dedicação, apesar do seu já então precário estado de saúde, durante quatro legislaturas.

Terminado o seu ultimo triennio e não sendo reeleito, regressou á sua terra em 1926, afastando-se por inteiro da actividade política, á qual somente veio de novo dedicar-se, nos derradeiros meses da sua existência, quando da organização da Liga Eleitoral Catholica, de cuja junta local foi escolhido presidente.

Alliavam-se nessa entidade os dois grandes ideaes, as supremas paixões do seu espirito, a religião e a política, o culto de Deus e o amor da Pátria.

Era de ver o ardor, a vibração de entusiasmo com que o seu espirito — moço e forte, mau grado a idade e a moléstia — se punha a serviço do que elle chamava “a grande causa nacional”.

Jornalista impetuoso e sincero, a sua penna foi sempre uma arma poderosa a serviço das idéas que abraçou desde a sua juventude. Dirigiu vários periódicos, entre outros “O Democrata”, organo do partido homonymo, em 1896, “O Povo”, de combate político, em 1916, e “A Cruz”, portavoz da Liga Catholica, de que foi um dos fundadores e dos mais aguerridos paladinos.

Exerceu também o magistério, como professor do Lyceu Salesiano São Gonçalo, no período áureo daquelle estabelecimento, leccionando Historia do Brasil e Historia Universal, matérias muito do seu agrado, o que lhe valeu a delegação do Governo do Estado para seu representante no Congresso Nacional de Historia, em 1914. Não foi essa a única vez que lhe coube tão insigne embaixada, pois também, seis annos antes, como delegado do Tribunal da Relação, fizera parte do Congresso Jurídico, reunido no Rio de Janeiro.

Assíduo freqüentador da tribuna nos comícios cívicos, religiosos e políticos, tinha a palavra fácil e a expressão imaginosa, posto não o auxiliasse muito a voz um tanto fraca, por sua natural e franzina compleição.

Mas para encontral-o, integral e em toda a sua essencialidade, não se ha de ir buscal-o nos seus escriptos, alguns dos quaes verdadeiros modelos de eloquência parlamentar, como os proferidos por occasião da festa do Papa e do 6º centenário de Dante; nem tampouco em seus trabalhos de polemica religiosa e partidária, em que revelava um character sincero e ardego; mas sim nos seus apontamentos íntimos, no seu diário familiar, traçado como uma espécie de testamento espiritual, já ao se avizinhar do tumulto e, sobretudo, no seu epistolário, que é como o seu próprio coração que subsistisse cheio de fé, resignação e esperança, ante os golpes successivos da adversidade. São paginas mimosas, dignas de figurar pela delicadeza do sentimento e firmeza das convicções, num florilégio ascético, que se organizasse e que, infelizmente, a escassez de tempo me não permite rememorar para vosso deleite e edificação. A sua vida, como a sua obra, cabem, perfeitamente, numa synthese, que se pode exprimir nas palavras significativas com que o nosso eminente Presidente lhe gisou o epitaphio glorioso: «Exemplar soldado de Christo, tombou como vivera, na vanguarda da acção catholica».

Ferreira Mendes

De passo que em João Cunha o espírito insubmisso, mas sereno, se guiava na vida pelo simples senso da bondade, orientado por uma cultura de *dilettanti* das letras, e em Pereira Leite se vincou de traços característicos de uma crença inabalável, que foi a sua bússola nos mares agitados da existência, Ferreira Mendes encontrou no Direito, de que foi sacerdote dedicado, o pólo imantador da sua acção na vida publica, sob quaesquer dos aspectos pelos quaes lhe encaremos a carreira e a polyforme individualidade.

A norma jurídica se tornou invariavelmente o seu estalão de agir e de observar, objectivamente, o panorama social que o rodeava.

Força de habito ou expressão pessoal do temperamento, elle pensava e se exprimia sempre como juiz.

Enquadrou, numa disposição quasi geométrica, as suas perspectivas, subordinando-as a esse sentido do direito, de que o grande povo do Lacio nos deu as linhas de uma construcção imperecível.

Era preciso vê-lo, praticar com elle, conversal-o, como me succedeu muitas vezes, no seu prolongado eclipse final, para bem ao vivo flagranciar-lhe a configuração psychica, revoltado com o triste espectáculo que lhe foi dado presenciar, da subversão do Direito, da Ordem, da Disciplina, nos dias agitados que vivemos. Vinha-lhe essa formação jurídica do próprio berço, a lendária Diamantino, onde viu a luz a 30 de dezembro de 1869, sendo seus pais, também dali oriundos, o Cel. Francisco Alexandre Ferreira Mendes e D. Leonarda Maria dos Guimarães.

Diamantino era, a esse tempo, um grande empório e centro irradiador de energias, expandindo a sua acti-

vidade commercial, agrícola e mineradora, através do Morro Vermelho e do Tombador, até a capital e, nas heróicas arrancadas dos paranistas, até Santarém, realizando num raide que, por si só, bastaria a testificar a resistência de uma raça, essa arriscada penetração dos sertões do Norte.

Dessa gente é que herdaria as qualidades o futuro bacharel, que, tendo iniciado os seus estudos primários, sob os cuidados da preceptora D. Izabel Perpetua de Mesquita, veio, aos 10 annos, para a Capital da então Província, onde se matriculou no Collegio São João Baptista, do P. Ernesto Camillo Barreto, distinguindo-se desde logo pelo seu progresso na língua latina.

Quatro annos após, seguia para São Paulo, em companhia do seu avô materno o Cel. Joaquim Pereira dos Guimarães, fazendo a viagem pelo Arinos até o Amazonas, donde desceu, por via marítima, ao Rio de Janeiro. Hospedou-se em São Paulo na casa do Dr. Aquilino do Amaral, e depois passou para a celebre «republica matogrossense», na rua dos Bambus, hoje Visconde do Rio Branco, junto a Santa Ephigenia.

A geração acadêmica que Mendes encontrou foi uma das mais brilhantes e destinadas a ter sensível projecção na vida publica de Mato-Grosso: João Carlos Pereira Leite, Joaquim Augusto da Costa Marques, João César de Arruda e outros.

Não se demorou, entretanto, na “republica” o novel estudante: percebendo que o convívio de collegas mais adiantados o embaraçava em seus preparatórios, resolveu internar-se no Colégio Moretzohn, donde somente sahiu para fazer o exame de admissão á faculdade.

Durante o curso acadêmico, escreveu em vários jornaes e revistas, alguns dos quaes dirigia, como o “Sete de Setembro”, de feição literária e politica. Distinguia-se também pelo manejo da palavra e embora fugisse á oratória de praça, dessas que arrebatam a multidão, pou-

cos se lhe emparceirariam nos dotes pe persuasão e lógica, que fizeram delle o typo do tribuno judiciário, a maneira clássica de Demosthenes e Cícero.

Terminado o curso, em 1891, foi, a convite de seus amigos Lara Campos, Vaz de Almeida e Teixeira de Assumpção — figuras prestigiosas de Tietê — nomeado promotor publico daquela importante comarca paulista, revelando, em mais de um biennio em que exerceu o cargo, attributos marcantes do seu espirito de jurista.

Um caso typico lhe assignala a estréa na tribuna forense. Entrava em jury um criminoso celebre, fortemente amparado pela politica local, em que Mendes possuía optimos amigos e a quem devia a sua collocação.

O defensor viera especialmente da Capital e era um advogado de nota.

A opinião publica acompanhava apaixonada os debates. Proferiu o novel Promotor a sua accusação, serena mas irrespondível, e apesar da formidável peça de defesa, em que o seu antagonista exgottou os recursos da dialectica e do sentimentalismo, tão ao sabor dos jurados, o réu foi condemnado á pena máxima, tendo, ao retirar-se do recinto, esta phrase expressiva: «Vou cumprí minha pena, mas o *doutôzinho* faladô ha de me pagá.»

A terra natal, entretanto, o attrahia, nessa polarização irresistível que exerce sobre as almas affectivas: a saudade dos velhos paes, a falta do ambiente carinhoso do lar, a própria desambientação em que se via, longe das suas paisagens regionaes e dos seus costumes familiares, o chamaram para a terra distante, onde, a troco do conforto e das aspirações mais largas, elle via abrirem-se-lhe, como braços amigos, os encantos dessa indefinível *ame du foyer*, tão sugestiva e insubstituível para certos temperamentos.

Retoma a Mato Grosso e, sem demora, assume, posição de destaque no periodismo local, redigindo, pri-

meiro, a “Gazeta Official” e, depois, “O Mato Grosso” ao lado de Luis Serra, José Magno e outros expoentes da época.

Dirige a Instrução Publica, revelando-se cuidadoso e solícito administrador á testa desse importante departamento.

Não era, porém, esse o seu ambiente. Ingressa na magistratura, a que o propendia a natural conformação do seu espírito e começando pela Comarca de Diamantino, sua terra ancestral, e de nascimento, com pouco era transferido para a Capital, galgando, apenas com 28 annos, a segunda instancia.

Não tardou que os lúgubres acontecimentos de que foi theatro Matto Grosso, nos primeiros annos do século, entre 1901 e 1903, envolvessem na sua trama o magistrado diamantinense, que se viu obrigado a exilar-se para não ser victima, como tantos outros, da sanha e da prepotência reinantes.

Soffreu verdadeiras agonias moraes, vendo a sua Villa natal, a querida Diamantino, entregue ao mais infrene vandalismo, ao saque, á depredação, não sendo poupados a honra das famílias, nem as próprias alfaias e adereços do templo sagrado!

As suas jóias, os seus livros, tudo foi criminosamente roubado e essas scenas de selvajaria encontram-se fielmente narradas por elle mesmo, sob os pseudonyms “Jagunço indomável” e “O espírito de um fuzilado”, no Jornal “A Reacção” de 20-12-1902 e 10-4-1903.

É pungente a descripção que no primeiro desses artigos — sob o titulo — *E'cos da Tapera* — faz o chronista fiel desses factos que envergonham a nossa cultura e constituem mancha indelével de uma situação que, infelizmente, ainda hoje encontra panegyristas, que para ella volvem os olhos no mais extranhavel dos saudosismos . . .

Não bastara, porém, que investissem contra o seu patrimônio e seus haveres, deixando-o quase reduzido á penúria: mister fora, na sanha dos ódios em que o partidario se extrema, tripudiar ainda sobre o seu patrimônio moral, sobre o seu bom nome, imputando-lhe accusações de crimes, dos quaes se defendeu airoosamente, de publico, pelas columnas do mesmo jornal.

Em um caderninho de notas particulares, que me foi offerecido pelo seu digno filho e meu prezado amigo Prof. Francisco Mendes, dei com um curioso e expressivo documento, indiciador do seu espírito sereno e sempre inclinado á cordura e ás soluções conciliatórias.

É o termo de accordo entre as duas forças em hostilidades, uma sob o com mando do Snr. Firmino José de Castro e outra dirigida pelos senrs. José Pedro Rodrigues Gonçalves e Paulo Harms. Ali se lê, em copia feita por elle mesmo, que, a 25-6-1901 «ao ter conhecimento em Diamantino de que as duas forças supreferidas se achavam prestes a se encontrarem em determinado ponto da estrada que de Diamantino vae ao sitio do Arroz sem Sal»... «e em face da dolorosa impressão que uma tal noticia produzio tanto em mim, como na população diamantinense em geral, resolvi interpor os meus officios no character de diamantinense, amigo desinteressado de toda a população do logar e em nome da paz e tradicional harmonia que sempre reinou entre todos os habitantes, afim de fazer com que as partes chegassem a um accordo sobre os motivos que determinaram um tão perturbador estado de cousas, evitando assim a effusão de sangue de irmãos.»

E depois de historiar as negociações havidas e fixar as clausulas do convenio pacificador, termina com estas palavras, bastante significativas: «Ao encerrar esta declaração, que é a narração fiel e exacta do occorrido, me é sobremodo agradável, declarar solemnemente que me julgo feliz por ter alcançado um fim tão humanitário,

por ter ainda uma vez posto em evidencia o meu espírito de concórdia e amizade ao povo diamantinense e ainda por ter tido occasião de convencer-me da consideração que o mesmo me dispensa e que muito me honra».

Passada a refrega formidanda, reintegrado no Tribunal de que fora violenta e caprichosamente afastado, Ferreira Mendes pode dedicar o resto da sua vida ao sacerdócio calmo da Justiça, a que o levavam os naturaes pendores do seu espírito.

Somente d'elle se afastou no Governo Costa Marques, isso mesmo para dirigir a pasta da Justiça, de 1912 a 1915, tendo collaborado activamente na organização judiciária de 1913.

Terminado o quadriennio, após breve licença, para refazimento da sua saúde, gravemente alterada, retornou ao seu posto na Relação, cuja presidência exerceu em mais de um período, até aposentar-se em 1921. Chegara ao pináculo da carreira, mas o seu temperamento franco e modesto nunca lhe permittiu affectação, ou vaidade.

Simple e lhano, a todos acolhia sem jactancia ou orgulho.

Recto nas suas decisões, proibido no cumprimento dos deveres do cargo, foi um verdadeiro juiz, na mais lidima expressão do termo.

E foi, acima de tudo, magistrado.

Honrou a toga que vestia e que o acompanhou ao tumulo, a 25 de setembro de 1933.

Em 1916, no mais acceso da lucta partidária então deflagrada, insinuado por velho amigo a que o prendiam laços de fraterna affeição, quando foi de uma informação que lhe cumpria dar ao Supremo Tribunal, em momentoso *habeas* que empolgara a opinião, teve esta phrase que o define: “Antes de tudo, eu sou juiz”. E nisso está o seu maior, o seu mais nobre, o seu mais bello elogio.

Podia mesmo constituir o seu memorável epitaphio e o legado que deixou á sua família, a par dessa pobreza honrada dos nossos verdadeiros cultores da Justiça.

Um parallelo

Bem poderia fechar com estas palavras, synthese luminosa de uma vida, este elogio fúnebre.

Quero, porem, frisar uma circumstancia que não deve ficar deslembada em occasião como esta: os três mortos, cuja perda deploramos, representam, de fôrma bem expressiva, a mentalidade do mattogrossense do Norte, do “cuyabano” que recebeu do destino histórico essa tarefa grandiosa — no dizer do nosso digno confrade Virgilio Corrêa Filho “de fecundar, com o seu esforço, a terra maravilhosa com que os seus avós integraram a base physica da nacionalidade brasileira.”

O poconéano, como o diamantinense, como o cacerense, em Cuyabá, foram bem o symbolo vivo da nossa raça, em suas qualidades essenciaes e características: a operosidade e a intelligencia, a fé e a resignação, o amor ao direito e a índole pacífica, e todos tiveram, na sua própria vida, o cyclo resumido da nossa evolução histórica. Filhos de famílias importantes e prestigiosas, possuidores de grandes haveres, — o pae de João Cunha teve o appellido de *Califórnia*, pelas suas avantajadas propriedades — todos elles morreram pobres, após uma lucta incessante, em que não se cingiram ás suas profissões liberaes, atirando-se, resolutamente, a outros ramos, como a industria — Pereira Leite e Francisco Mendes foram donos de seringaes e João Cunha guarda-livros, depois de ter sido negociante — na faina nobre do ganha-pão para os seus.

Outro ponto de contado, as suas proles numerosas, todas educadas com sacrifício, mas dignas do nome avôengo.

Vejam nelles os nossos conterrâneos deste Norte — calumniado e injuriado, o exemplo vivo do labor perseverante e profícuo, pois também a nossa terra, depois dos seus períodos áureos da mineração e da borracha, — cahiu em longa e dolorosa estagnação, sem que, por isso, haja motivo para desanimar ou estarrecer.

Lembremo-nos da nossa linhagem, evocando essa “raça de gigantes” de que somos descendentes e herdeiros, cujas heróicas acomettidas ainda agora Paulo Setúbal acaba de fixar nas paginas impressivas do EL DORADO.

Tenhamos, sobretudo, em vista; os nobres exemplos dos que nos antecederam, desses indefessos luctadores pela grandeza de nossa terra, que o Instituto deplora haver perdido mas se felicita em poder apontal-os como paradigmas, sahidos das suas fileiras, para servirem de exemplo, espelho e estímulo ás novas gerações.